



# VI Simpósio Nacional de Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

## "COBERTOS DE PÓ E DE RETÓRICA": PRODUÇÃO LITERÁRIA E POLÊMICAS INTELECTUAIS NA TERESINA DA METADE DO SÉCULO XX

José Maria Vieira de Andrade\*

As mudanças ocorridas na sociedade brasileira durante a metade do século XX foram acompanhadas de um forte anseio de inovação no campo da produção artística, especialmente no meio literário, onde houve uma intensa movimentação encabeçada por homens movidos pelo desejo de rever e de encontrar novas alternativas para o projeto literário modernista que, desde o início do século, animava os experimentos realizados nas letras nacionais.

Uma das principais marcas da atuação intelectual de Orlando Geraldo Rego de Carvalho (mais conhecido como O. G. Rego) e de parte de seus contemporâneos, no interior desse quadro, talvez tenha sido a de terem assumido um compromisso com esse projeto e ensaiado em Teresina, entre o final dos anos quarenta e no decorrer da década de 1950, um processo de renovação da produção literária piauiense por meio de diversas iniciativas no campo intelectual, sintonizadas com os anseios de mudança e com os desejos de construção de uma nova sociedade, compartilhados pelos demais segmentos sociais da época.

Licenciado e Mestre em História pela Universidade Federal do Piauí; atualmente é professor efetivo da Universidade Federal do Maranhão, Campus de Grajaú. E-mail para contato: zemarvi@yahoo.com.br.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Atentos a essa questão e considerando o fato de que O. G. Rego de Carvalho foi um dos principais pivores das tensões culturais do período, neste texto voltamos nossa atenção para o centro desse debate no intuito de analisar como o literato dialogou com as opções estéticas do momento, especialmente em relação aos projetos modernistas que, desde o as primeiras décadas do século XX, serviam como pretexto para grande parte das iniciativas e experimentos desenvolvidos no campo literário. Entre os pontos a serem discutidos ao longo do texto, pretendemos destacar o debate ocorrido, na imprensa local, entre O. G. Rego de Carvalho e alguns intelectuais teresinenses de sua geração, em torno do papel da arte e do escritor, bem como da forma como esses homens procuravam dialogar com a contribuição de intelectuais da geração anterior.

O objetivo central, neste texto, não é fazer, propriamente, uma reconstituição da história do modernismo no Brasil, mas apenas discutir, a partir dos registros de alguns dos personagens do meio intelectual de Teresina, naquele momento, como esse grupo de homens pensou a si mesmos e a sua época.

O termo modernismo faz referência a um conceito muito abrangente e paradoxal<sup>1</sup> e tem sido usado para classificar quase todas as manifestações artísticas eclodidas na modernidade<sup>2</sup>, sobretudo, a partir da segunda metade do século XIX. Enquanto movimento estético, a história do modernismo foi acompanhada pelo surgimento de correntes extraordianariamente diversas de práticas artísticas, bem como de uma imensa variedade de avaliações estéticas e filosóficas feitas em seu nome, quase sempre carregadas do mesmo espírito de tensão que caracteriza a "experiência vital" do homem moderno: viver entre o efêmero e fugidio e o eterno e imutável<sup>3</sup>.

Em quase todas as formas de manifestações modernistas, portanto, seria possível identificar a presença dessa tensão, sendo, ao mesmo tempo, um movimento constituído por homens comprometidos com a mudança e com a descoberta, mas que

Sobre os paradoxos em tornos do Modernismo, cf.: BRADBURY, Malcolm; MACFARLANE, James. O nome e a natureza do modernismo. In: \_\_\_\_\_. *Modernismo*: guia geral 1890-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

De acordo com Berman, trata-se da experiência vital – experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje. BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p.15.

Portanto, as diversas reviravoltas do modernismo como estética cultural podem ser largamente compreendidas contra o pano de fundo dessas escolhas estratégicas. HARVEY, David. *Op. cit.*, p.29.

ISBN: 978-85-98711-10-2

conscientes da necessidade ou desafio de fazê-la num campo de sentidos contínuo e cada vez mais mutante, com freqüência, parecendo "contradizer a experiência racional" do dia anterior.

Essa definição pode ser usada também para pensarmos as transformações culturais e o anseio renovador que se fez presente no meio intelectual do Brasil ou de Teresina na metade do século XX<sup>5</sup>, momento em que o projeto modernista das primeiras décadas passou por uma etapa de profunda reformulação. De certo modo, alguns escritores pareciam estar um tanto saciados com as liberdades excessivas dos primeiros anos de realização modernista. Não muito distante, em outros momentos, as questões formais, antes deixadas de lado, voltaram a tomar o centro das preocupações dos homens de letras.

Foi mais ou menos nesse período de reformulações, ocorrido mais precisamente após o fim da Segunda Guerra Mundial, que a perspectiva de realizar uma literatura modernista passou a conquistar adeptos entre os jovens de Teresina. Ao respirarem a atmosfera cultural efervescente da metade do século e após terem tido contato com a grande diversidade de escritores e obras frutos de muitos anos de experimentação literária no Brasil e no mundo, decidiram assumir o compromisso de tentar criar também, na cidade de Teresina, as bases para um movimento literário renovador.

Foi mais ou menos com esse intuito que em Teresina, esse grupo de jovens criou a revista literária *Caderno de Letras Meridiano*, iniciativa que deveria agregar correntes intelectuais de diferentes características, mas quase todas movidas pelo mesmo espírito e pelo mesmo desejo de mudança. Inspirados na movimentação ocorrida no campo literário brasileiro até então, a revista deveria funcionar como um espaço onde os "novos" de Teresina poderiam finalmente mostrar sua "bravura e fidelidade" à literatura do estado.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> HARVEY, *Op. cit.*, p.22. Tanto Berman quanto Harvey vão buscar em Baudelaire essa definição paradoxal da vida moderna e para a natureza histórica do modernismo enquanto movimento estético.

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> REZENDE, Antonio Paulo. *Desencantos modernos*: histórias da cidade do Recife na década de XX. Recife: FUNDARTE, 1997.

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> A Vez do Piauí. *Jornal O Piauí*, Teresina, p.3, 29 de dezembro de 1949.

ISBN: 978-85-98711-10-2

No seu primeiro volume publicado, além de textos de autoria dos próprios organizadores, a revista contou ainda com a colaboração de outros indivíduos do meio intelectual local, tais como Da Costa Andrade, com o soneto "Fria", Clemente Fortes e José Virgílio da Rocha, com o artigo "Causualidade Social", e Edson Regis, orientador do *Correio das Artes* da Paraíba, com o poema "A todos os homens". E para dar uma dimensão mais cosmopolita à publicação, foram veiculados também textos de T. S. Eliot e de John Steinbeck.

Por sua vez, no segundo volume publicaram os seguintes escritores: Fred Pinheiro, com o poema "Na pétala, o Azul"; Clemente Fortes, com o artigo "Rui, um exemplo"; Francisco Pereira da Silva, com "Conto de Natal"; Abraão Atem, com o artigo "Revolução nos conceitos da ciência"; Moura Rego com o poema "Sacerdócio"; H. Dobal com o poema "Canção de Natal para moça morena", o ensaio "Dom Quixote versus Robison Crusoé" e "A Face"; Manuel Paulo Nunes, com o artigo Fora de Vida"; e O. G. Rego de Carvalho, com o conto "Pequenos Amigos".

Pela quantidade de nomes e pela diversidade de temáticas e de textos veiculados nesses dois números da revista, podemos dizer que o grupo do *Meridiano* conseguiu agregar em torno de si grande parte dos intelectuais da cidade, porém, e talvez por isso, não conseguiu apresentar uma proposta de publicação muito definida, nem inovadora, pelo menos do ponto de vista estético. Acabou, portanto, sendo mais um movimento de afirmação de um grupo de intelectuais que tentaram varrer suas diferenças para de baixo do tapete, a pretexto de terem seus textos divulgados e seus nomes conhecidos.

Não obstante, foi uma das primeiras alternativas que a juventude ou os intelectuais encontraram para dialogar com o modernismo literário e com os anseios de transformação social da época. A revista traduz a busca por uma estética cultural que possibilitasse, no campo das letras, um lugar que em outra dimensão a cidade provinciana, em constante transformação, deveria alcançar em termos sociais.

Essa iniciativa concentrou em torno de si certos paradoxos, conforme pode-se perceber nos textos de autoria dos próprios organizadores, como é o caso dos experimentos e dos ensaios poéticos de Hidenburgo Dobal. Em um de seus ensaios publicado n'O Meridiano, intitulado de *A diretriz poética dos novos*. Na oportunidade,

Dobal ressalta que a diretriz poética dos *novos* se constituía basicamente de uma mistura de formas clássicas, como é o caso do soneto, e modernas de composição.

A volta as formas clássicas de poesia que se observa, com certa insistência, em alguns poetas da geração mais jovem, representa, em alguns casos, o retorno ao equilíbrio e à serenidade. É o sentido da medida e do equilíbrio atuando em algumas vezes que, embora jovens, possuem uma autêntica vocação para a poesia e atingem cedo a noção de verdadeiros valores estéticos e líricos. Nunca em toda história da poesia brasileira, se chegou tão perto daquilo que é chamado lirismo essencial. Em um poder de síntese, força e sugestão admiráveis, revelando uma experiência emocional mais forte, um contato mais íntimo com as fontes de vida. E tudo isto situa-se num plano no qual a pureza da poesia é defendida, preservando-a de reservar para as perigosas aventuras do declamatório, o vazio, o inútil, onde tão frequentemente se perde e de onde só se escapa quando manejada por uma legítima inspiração poética, como Pablo Neruda, latina e tropicalmente exuberante.<sup>7</sup>

Porém, se para o poeta H. Dobal o compromisso dos *novos er*a com as possibilidades de realização de uma poesia mais "universal", para outro expoente do *Meridiano*, Manuel Paulo Nunes, tratava-se de uma oportunidade para o fortalecimento das expressões artísticas regionais, conforme fez questão de ressaltar em um artigo publicado também no primeiro volume do *Caderno de Letras*, sob o título de *Panorama*.

Ao falar de algumas diretrizes da literatura produzida no país, sobretudo das experiências desenvolvidas pelos grupos e movimentos atuando nas mais diferentes cidades da federação, afirma que essas iniciativas revelavam o universo heterogêneo que constituía "o imenso arquipélago, de ilhas culturais autônomas e diferenciadas" da nossa literatura. De acordo com Paulo Nunes, desde "as suas manifestações embrionárias", a literatura nacional tem se constituído de "afirmações autônomas de núcleos de cultura que se vão na vasta província do Brasil", de modo que, o modernismo – partindo do grupo "irreverente de São Paulo" que teria lhe dado uma forma de expressão nacional – precisava ser completado pelo "conteúdo caracterizadamente sociológico" das literaturas locais e regionais, conforme as propostas dos grupos da Bahia e do Recife em torno da produção de uma literatura

DOBAL, H. A diretriz poética dos novos (Caderno de Letras Meridiano, v.1). In: SILVA, Halan. H. Dobal: as formas incompletas – apontamentos para uma biografia. Teresina: Oficina da Palavra, 2005, p.81.

6

VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar Universidade Federal do Piauí - UFPI Teresina-PI

ISBN: 978-85-98711-10-2

dominada pela presença do romance de tese social ou do ensaio sociológico, nos quais os escritores procuravam repetir em seus livros "as cores mais vivas do ambiente em viviam".

Portanto, para Nunes, a experiência estética do *Meridiano* deveria servir, a exemplo dos outros grupos formados em outras cidades do país no mesmo período, como espaço para a consolidação da autonomia nacional dos grupos regionais. Ao mesmo tempo funcionaria como um questionamento e uma confirmação da proposta pensada pelos paulistas, na década de vinte, e que já estaria acontecendo desde o romance regionalista de trinta<sup>9</sup>. A movimentação desses grupos era para Nunes um indicativo de que estavam vivenciando um momento muito particular e inovador em termos de produção literária, frutos da presença de um novo espírito que não se abatia nem com mesmo a natureza às vezes dispersa e conflituosa do grupo.

Obedecendo a essa continuidade histórica, é que se vem afirmando atualmente, em vários Estados da Federação, novos núcleos de cultura, planos de autonomia e vigor, constituindo-se em legítimas expressões da literatura nacional<sup>10</sup>.

[...] Não importa que o que produzam sejam, o mais das vezes publicações efêmeras, conforme já assinalou, certa vez, o crítico Álvaro Lins, refletindo a própria inquietação e dispersividade desses rapazes da casa dos vinte anos. E sim, importa principalmente, que, através delas, se faça sentir a presença de um novo espírito na literatura, ocasionando profundas modificações em uma temática e em uma técnica literária já ultrapassadas, garantindo a permanência de elementos que possam produzir a renovação dos processos literários em voga, que poderá ser expressa como sendo a aspiração à "conquista do direito permanente da pesquisa estética que é a base sobre qual se deve operar todo o movimento de renovação literária<sup>11</sup>.

Embora os organizadores do *Meridiano* estivessem com seus olhares votados para campos diversos da criação artística, e apesar de usarem argumentos diferenciados

NUNES, Manuel Paulo. Panorama. In: SILVA, Halan. Op. cit. p.83.

Sobre a proposta de "Pulverização Espacial" do modernismo paulista e a sua contraproposta perpetrada pelos grupos regionalista da metade do século, ver também: RABELO, Élson de Assis. *A História entre tempos e Contratempos*: Fontes Ibiapina e a obscura invenção do Piauí. 2008. 200fs. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

NUNES, Manuel Paulo. Op. cit., p.84.

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> Id. Ibidem.

7

VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar Universidade Federal do Piauí - UFPI Teresina-PI

ISBN: 978-85-98711-10-2

para tratar do *novo espírito* de sua geração, é possível encontrar algo em comum entre o discurso de Dobal e o de Paulo Nunes, especialmente quando se observa que os dois pensam a experiência modernista armados do mesmo espírito de tensão<sup>12</sup>: aquele que aponta para a necessidade ou o anseio de, em meio ao turbilhão e à mudança, tentar descortinar uma forma de expressão capaz de dizer o eterno e o imutável.

Desse modo, a diversidade de propostas representadas ou reunidas pelo *Meridiano*, cujos integrantes se propõem, ora a um diálogo com o que de mais recente estava sendo feito no campo literário, ora a uma revisita dos escritores e tendências estéticas associados a outros momentos e a outras tendências, muitas vezes compreendidos pelas próprias vanguardas modernistas como ultrapassadas, pode então ser entendida como uma maneira diferente que cada indivíduo encontrou para tentar responder à preocupação maior de buscar referências universais e valores eternos através da arte ou da atividade intelectual.

Apesar do esforço pretensamente heróico da tentativa de realizar *um novo espírito* nas letras, através de uma revista literária como o *Caderno de Letras Meridiano*, o grupo logo perdeu força, não conseguindo ir muito além da terceira edição, na qual era visível o desgaste da revista, tanto em relação à proposta de discussão, como no que se refere à quantidade de colaborações, devido à dispersão dos integrantes do grupo, especialmente dos organizadores.

O terceiro volume da revista acabou ficando nas mãos unicamente de O. G. Rego de Carvalho que, por sua vez, aproveitou a edição para fazer uma homenagem póstuma ao poeta amarantino Alberto da Costa e Silva, falecido naquele mesmo ano (1950). No editorial, o responsável pelo periódico ressaltou algumas das razões para aquela homenagem, e, entre os demais argumentos, dizia: "Falecido sobre outros céus, na grata evolução de um outro sonho errante, Da Costa e Silva tem agora, de rapazes do Piauí, esta homenagem." E logo adiante acrescentava:

Durante meses ausentes da cidade das letras, reaparece, à procura de um cantinho de estante, nossa pequena revista, com esta edição especialmente dedicada à divulgação da poesia nacional: Da Costa e

<sup>&</sup>lt;sup>12</sup> BERMAN, Op. cit.; HARVEY, Op. cit.

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup> CARVALHO, O. G. Rego de. In: *Caderno de Letras Meridiano*. Teresina, v.3, 1950, p.3.

Silva. Sensibilizados pelo acolhimento da crítica, que desde o primeiro número nos viu com simpatia, arrojamo-nos a um empreendimento de maior vulto, **para de todo não deixar esquecido** [grifo nosso] o grande e magoado cantor de Verônica. [...] Da Costa e Silva Morreu contudo no mais acabrunhador esquecimento, em meio às sombras de um mundo fantástico e irreal. Diante de tão inexplicável silêncio, quer "Meridiano" prestar um tributo de saudade e carinho àquele que, mesmo na adversidade, sempre trazia no coração o amor à sua terra [...]<sup>14</sup>.

O *Meridiano*, assim, encerrava suas atividades. De manifesto em favor de uma nova geração, a revista terminaria, paradoxalmente, servindo de espaço destinado a "salvar do esquecimento" um dos maiores nomes da geração anterior, um poeta acadêmico, um dos fundadores da Academia Piauiense de Letras, adepto de uma poesia predominantemente parnasiana e simbolista, portanto, alguém que, em muitos aspectos, poderia ser considerado como sinônimo da anti-proposta inovadora do *Meridiano*.

No decorrer da década de cinquenta as discussões e polêmicas em torno da proposta modernista que deveria servir de parâmetro para os jovens escritores, em Teresina, ocupou um espaço significativo nos principais jornais da imprensa local, tendo mais uma vez como um de seus protagonistas O. G. Rego de Carvalho, que polemizou com alguns dos nomes que estavam à frente da ABDE-PI.

Em apreço às propostas de inovação e de exercício com a linguagem trazidas pelo romance intimista de abordagem psicológica dos escritores da geração de 1945, O. G. Rego de Carvalho, em suas crônicas periódicas nos jornais, defendia uma concepção de obra de arte enquanto algo "amoral", ou seja, como uma construção que não tinha nenhum compromisso com "a realidade" e nem com "a ética social de um povo" tonforme fez questão de ressaltar em um artigo publicado ainda em 1949, no *Jornal O Piauí*.

Como chovesse uma noite dessas, e estivesse preso num dos bares da cidade, tive de aturar uma palestra de amigos literatos, em torno do problema do moral na arte. Discutia-se a competência da Polícia do Rio de Janeiro em proibir a exibição de mais uma peça teatral de Nelson Rodrigues, alegando que a mesma atentasse aos costumes da sociedade.

<sup>&</sup>lt;sup>14</sup> Id. Ibidem., p.5.

CARVALHO, O. G. Rego de. A moral na arte. *Jornal o Piauí*, Teresina, Ano LX, n.523, p.3, 1 de setembro de 1949.

9

VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar Universidade Federal do Piauí - UFPI Teresina-PI ISBN: 978-85-98711-10-2

Um deles, que já tem um romance acabado, estando a espera do lançamento para em breve, acrescentava, por ser amoralista, que a arte não tem compromissos com a realidade, quanto mais com a ética social de um povo.

O antagonista, leitor de literatura policiada, refutava, esse princípio, alegando que uma obra pervertida, que poderá conduzir o homem por caminhos escusos, deve ser banida do palco, da tela, e, caso possível, do próprio prelo.

A discussão tomou ares de polêmica, e não podendo exprimir a opinião, no momento, aguardei para fazê-lo pela imprensa, na palestra habitual que mantenho nesta secção. A meu ver, realmente a arte é amoral. Foi assim que André Gide, Eskine Caldwell, e outros grandes escritores. O autor não deve preocupar-se com o que está fazendo: se atentatório ou não à moral, assim como não se interessa em saber a que corrente literária pertence.

No entanto, quando sentir que determinada passagem não se ajusta bem à obra, por exprimir situações absurdas, então cuide-se não propriamente de eliminar o trecho imoral, mas de fazer um trabalho clássico. Clássico no sentido de equilibrado. - O.  $G^{16}$ .

Se naquele momento O. G. Rego afirmava não ter interesse em interferir na polêmica discussão sobre o compromisso ou não da arte com a realidade social, acabou mudando de idéia alguns anos depois, quando além assumir a preferência por uma dessas duas vertentes, passou a contestar severamente através da imprensa local aqueles que não compartilhavam de sua opinião. Em um desses artigos chegou a elaborar um esboço de teoria com o intuito de mostrar para seus contemporâneos que "toda arte é romântica" ou, em outras palavras, algo que transcende a razão e que dispensa uma explicação baseada em raciocínio lógico. Sendo assim, o compromisso do artista seria não o de tentar "extrair" lições das coisas, mas de tentar transmitir uma verdadeira emoção, como o sentimento em relação ao amor ou à morte, uma emoção que "ninguém deixa de senti-la".

Entre os intelectuais de sua geração, O. G. Rego criticava os diretores que na época estavam à frente da ABDE, argumentando que eles não se preocupavam com esses aspectos da arte literária, deixando assim de cumprir, o papel de verdadeiros escritores e servindo de mau exemplo para as gerações mais novas.

<sup>&</sup>lt;sup>16</sup> Id. Ibidem.

<sup>&</sup>lt;sup>17</sup> CARVALHO, O. G. Rego de. Esboço de uma teoria. *Jornal O Dia*, Teresina, ano VII, n.432, p.1, 7 de fevereiro de 1957.

A geração mais nova gostaria de relembrar velhas lições, menosprezadas pelos donos de nossas letras. É que os bons autores continuam sendo os que escrevem bem, com clareza e simplicidade. Apesar do unânime elogio à sua obra, nenhum artista resistirá ao tempo se não for equilibrado, e a própria recriação da vida não se fizer em moldes clássicos<sup>18</sup>.

Em confronto com as posições do autor, alguns dos representantes da ABDE procuraram rebater diretamente as críticas e ataques do rival por meio de acusações pessoais ao literato, a suas obras e ainda à noção de arte e de literatura defendida por ele em seus artigos, contra-argumentado em favor da "predominância do fator social na literatura brasileira, em seus temas e em seus motivos"<sup>19</sup>.

Toda criação literária, de um modo geral, fruto que é do espírito humano que opera em função de uma realidade social determinada, tem de possuir, é claro, caráter social. [...] Assim, é social ou sociológica a realização literária que, ao invés de centralizar seu interesse principalmente nos conflitos psicológicos, o faz sobre problemas ou aspirações coletivas. Social deverá ser, por conseguinte, a obra de arte que realce as características, as aspirações e os motivos de um grupo social determinado<sup>20</sup>.

Ao observarmos os desdobramentos dessa ferrenha disputa, percebemos que os dois lados percorrem uma trajetória de discussão que vai desde a avaliação sobre os rumos da literatura nacional a questões mais elementares de gramática. Contudo, no final das contas, terminam por recorrer a artifícios bem parecidos, seja para atingir o lado oponente, seja para se defender das acusações recebidas. Para acusar, ambos usam como argumento o fato de o oponente demonstrava certo desconhecimento de "regras elementares" de escrita; quando estavam na defensiva, o argumento era de que os adversários permaneciam presos a regras muito rígidas, que comprometiam o processo de criação ou que já poderiam ser consideradas ultrapassadas naquele momento. Para além das intrigas pessoais, essa disputa constitui um dos principais registros dos paradoxos vivenciados pelos homens de letras da cidade, sobretudo acerca do "novo espírito" que eles pretendiam exprimir através de sua atuação intelectual. Um dos pontos centrais dessa questão corresponde à forma como os protagonistas da polêmica

<sup>&</sup>lt;sup>18</sup> Id. Ibidem.

NUNES, Manuel Paulo. Resposta a alguma perguntas. *Jornal do Piauí*. Teresina, Ano VI, n.498, p.3, 3 de abril de 1957.

<sup>&</sup>lt;sup>20</sup> Id. Ibidem.

ISBN: 978-85-98711-10-2

usavam os nomes dos escritores da geração anterior — os acadêmicos que ajudaram fundaram a Academia Piauiense de Letras.

O próprio *Caderno de Letras Meridiano* já havia dedicado um dos seus poucos volumes à celebração de um dos ícones da geração acadêmica, o poeta Da Costa e Silva. Não obstante, os registros de O. G. Rego de Carvalho, ao longo de quase toda a disputa mantida com outros intelectuais, cobrando constantemente de seus contemporâneos um maior compromisso com o legado dos homens que lhes antecederam.

Restabelecer o vínculo com a tradição, eis um dos papéis históricos que O. G. Rego de Carvalho exigia que seus contemporâneos não deixassem de lado, mesmo que em várias oportunidades seu discurso fosse, quase sempre, em defesa de uma produção estética, segundo ele, capaz de romper com "o cânone", conforme o comentário feito em torno da obra poética de Vitor Gonçalves Neto. "Páginas cheias de poesia" que lhe davam a certeza "das melhores expressões", tão "boa e comovente como Da Costa e Silva e H. Dobal", ou de seu livro de estreia, um texto com capacidade para, por si só, redimir "esses trezentos anos de prosa inferior" que teríamos tido "até agora"<sup>21</sup>.

Vê-se, pois, que as disputas travadas entre O. G. Rego e seus contemporâneos, bem como a vasta literatura produzida em torno dessa batalha trazem o registro de que os meridianos culturais que constituíram o "novo espírito" da geração de escritores e intelectuais, em que se inseriu o literato em questão, apontavam em várias direções, algumas delas, paradoxalmente, sobrepostas de forma conflitante. Numa dessas direções, esses meridianos iam de encontro a um grupo de jovens divididos entre o compromisso de dar início a um processo de mudança, e a sensação de orfandade de uma experiência passada, tomados ainda pelo medo de perdê-la de vista de para sempre. Jovens esses cujos registros se traduzem em uma forte sensação de vazio, perdidos entre o passado e o futuro, tentando alcançar uma herança, que de alguma forma, lhes havia sido deixada, embora sem testamento algum<sup>22</sup>.

O. G. Rego de Carvalho. Conversa tão somente. In: notas de Leitura. *O Dia*, Teresina, julho de 1957.

A atividade do pensamento enquanto um conflito que deixa homem em meio a uma lacuna entre passado e futuro foi tomada emprestada aqui a ARENDT, Hanna. Prefácio: a quebra entre o passado e o futuro. In: \_\_\_\_\_\_. Entre o Passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 2000, p.28-42.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, Hanna. Prefácio: a quebra entre o passado e o futuro. In: Entre o Passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 2000, p.28-42.
BERMAN, Marshall. <i>Tudo que é sólido desmancha no ar</i> : a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
BRADBURY, Malcolm; MACFARLANE, James. O nome e a natureza do modernismo. In: <i>Modernismo</i> : guia geral 1890-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
HARVEY, David. Modernidade e Modernismo. In: <i>A condição pós-moderna</i> : um estudo sobre a origem da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992.
RABELO, Élson de Assis. <i>A História entre tempos e Contratempos</i> : Fontes Ibiapina e a obscura invenção do Piauí. 2008. 200fs. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.
REZENDE, Antonio Paulo. <i>Desencantos modernos</i> : histórias da cidade do Recife na década de XX. Recife: FUNDARTE, 1997.
Fontes:
A Vez do Piauí. <i>Jornal O Piauí</i> , Teresina, p.3, 29 de dezembro de 1949.
CARVALHO, O. G. Rego de. A moral na arte. <i>Jornal o Piauí</i> , Teresina, Ano LX, n.523, p.3, 1 de setembro de 1949.
Conversa tão somente. In: notas de Leitura. <i>O Dia</i> , Teresina, julho de 1957.
Esboço de uma teoria. <i>Jornal O Dia</i> , Teresina, ano VII, n.432, p.1, 7 de fevereiro de 1957.
In: Caderno de Letras Meridiano. Teresina, v.3, 1950, p.3.
NUNES, Manuel Paulo. Resposta a alguma perguntas. <i>Jornal do Piauí</i> . Teresina, Ano VI, n.498, p.3, 3 de abril de 1957.
SILVA, Halan. <i>H. Dobal</i> : as formas incompletas – apontamentos para uma biografia. Teresina: Oficina da Palavra, 2005.